

# CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História  
da Universidade de Lisboa

23



Ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον  
ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον  
ΜΗΝΙΝ ΛΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

analisando a função que o mesmo assumiu nos seus escritos mas também nas circunstâncias culturais em que viveram, designadamente na Inglaterra e na Alemanha de Oitocentos e de inícios do século XX. O livro vai, aliás, ao encontro do estudo publicado por Linda Dowling em 1994, *Hellenism and Homosexuality in Victorian Oxford*.

Neste sentido, o livro de Orrells compromete-se com a análise de problemáticas relacionadas com a história da cultura e da literatura da Antiguidade, mas também da história social e das mentalidades da época contemporânea. Parece-nos evidente, que é impossível compreender na plenitude a obra de Wilde, por exemplo, sem ter esta questão no horizonte. E o mesmo pode dizer-se em relação à teoria da sexualidade de Freud. Cremos que estes dois exemplos são suficientes para percebermos a importância do estudo de Orrells. Do mesmo modo, avaliamos a pertinência do tema a partir também do ambiente cultural de vésperas da emergência do nacional-socialismo na Alemanha dos anos 20-30 do século passado, permitindo uma visão evolutiva da forma como a problemática do «amor grego» foi entendida em contexto contemporâneo, do tabu à sua ausência e ao seu regresso, e como isso condicionou a visão ocidental dos Gregos e da cultura grega. Neste sentido, é ainda de salientar um outro aspecto, que consideramos ser particularmente positivo, de o estudo em recensão ser sintoma da tão necessária ponte, mas ainda titubeante, entre os especialistas em culturas da Antiguidade e os que trabalham em áreas mais modernas e contemporâneas, e que produziu já trabalhos tão importantes como os que têm vindo a ser publicados na colecção conhecida como *Antiquity & Its Legacy* (I. B. Tauris).

A perspectiva apresentada pelo A. abre ainda caminhos para uma compreensão mais abrangente da obra de Foucault, designadamente os estudos que dedicou à história da sexualidade no Mundo Antigo, permitindo uma perspectiva alargada das inquietações daquele pensador francês, mas sobretudo para as linhas que têm orientado a história do género nas últimas décadas. O livro inclui uma bibliografia actualizada, ainda que pudesse ser enriquecida com estudos francófonos.

**Nuno Simões Rodrigues**

**CRAIG A. WILLIAMS**, *Reading Roman Friendship*, Cambridge: Cambridge University Press, 2012, 378 pp. ISBN 978-1-107-00365-1 (£68.00, US\$114.00)

Depois do brilhante estudo que em 1999 publicou acerca do homossexualismo na Roma Antiga (tema até então quase inédito, havendo todavia

honrosas exceções, como a da tese de F. Gonfroy, 1977-1978), C. A. Williams oferece agora à comunidade acadêmica este extraordinário estudo acerca da *philia* em Roma. A grande novidade de *Roman Homosexuality* (reed. 2010) era a de trazer para o foro romano um tema sobretudo estudado em contexto grego e esse feito repete-se agora com a problemática da amizade (termo querido sobretudo aos helenistas), que aqui vemos transferida para o meio cultural latino.

Em apenas quatro capítulos, o A. analisa a problemática em causa a partir dos seguintes eixos: «homens e mulheres» (pp. 63-115), «amor e amizade» através das problemáticas (pp. 116-173), «amor e amizade» segundo os textos e os autores antigos (pp. 174-258) e «amizade e sepultura», uma problemática da memória (pp. 259-354). Basta assim olhar para o índice para nos apercebermos da multiplicidade das fontes utilizadas, requerendo do autor/analista o domínio de campos teóricos próximos e afins mas ao mesmo tempo tão específicos e diversos quanto os da filologia pura, da epigrafia, da arqueologia, da história e da filosofia. Isso porque, se em alguns casos se estuda a amizade através dos epitáfios tumulares, noutros a investigação é feita através da epistolografia ou da poesia lírica, por exemplo. E em todos eles, há que contextualizar historicamente as mentalidades que produzem tais documentos, como é evidente. Desde logo, importa inserir o tema da *amicitia* no quadro cultural romano, dos seus ideais e valores.

Williams, porém, não se coibiu e consideramos oportuno poder dizer que se revelou absolutamente competente na tarefa a que se propôs. Repete-se, portanto, o êxito do livro antes citado. Assim, ao longo do livro encontramos oportunas reflexões acerca da amizade levando em conta os contextos sócio-políticos (género, estatuto social, enquadramento ideológico-político e.g) dos agentes que a protagonizam, bem como os ambientes filosófico-culturais e até os meios mítico-literários (das narrativas mitológicas às musas literárias) de expressão da mesma. A este propósito, seja-nos permitido destacar o lugar que no texto se dá à amizade entre mulheres, por ser um tema que nos permite olhar de novo para o universo feminino romano, a partir de uma perspectiva complementar, o que será sempre de valorizar, dada a exiguidade de fontes que possuímos para o estudo desta problemática.

Williams conclui assim, ao longo da obra, que a *amicitia* seria um dos pilares das relações humanas, segundo a perspectiva dos Romanos, de importância tão assinalável quanto a que os filósofos gregos haviam antes considerado. Assim se justifica, por exemplo, o *De Amicitia* ciceroniano, que aqui ganha novo fôlego em termos de contextualização.

Do livro fazem ainda parte um índice geral e outro de passos citados bem como uma bibliografia, na qual teria sido interessante encontrar o conjunto de

estudos publicado há anos pelo Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, sobre Eros e *Philia*.

**Nuno Simões Rodrigues**

**LIN FOXHALL**, *Studying Gender in Classical Antiquity*, Cambridge: Cambridge University Press, 2013, 188 pp. ISBN 978-0-521-55739-9 (£18.99, US\$29.99).

Integrado de forma pertinente na colecção «Key Themes in Ancient History», este livro de L. Foxhall merece todo o destaque por funcionar como sebenta de introdução a um tema que tem despertado o maior interesse de historiadores e de outros investigadores das ciências sociais e humanas. Para o estudo da Antiguidade Clássica, o processo parece ter sido exactamente o mesmo que para o de outras épocas históricas, como se deduz das palavras da A.: «Once upon a time the history of the ancient classical world was primarily the story of great men and their battles.» (p. 1). Mas as novas leituras e correntes historiográficas acabaram por influenciar também as perspectivas nesta nossa área do saber e esse processo acabou por se reflectir na produção académica daí decorrente.

O livro de Foxhall é exemplo dessas novas abordagens. Nele, a A. destaca a pluralidade de percepções no que diz respeito ao género e a forma como essas diferenças se reflectiram nas sociedades grega e romana. Mais, Foxhall destaca a forma como as leituras e interpretações do género, longe de serem uma realidade sócio-cultural isolada, teve consequências determinantes no modo como o mundo greco-romano se organizou e estruturou, estando assim relacionadas de forma inequívoca com todos os quadrantes da sociedade, do político ao cultural e mental.

Assim, depois de uma breve mas útil resenha bibliográfica que funciona também como introdução (pp. 1-23), e em que Foxhall sintetiza as etapas do processo de emancipação desta «disciplina» no âmbito dos Estudos da Antiguidade Clássica, podemos encontrar neste livro o tratamento, em estilo de introdução segundo a perspectiva dos Estudos de Género, das várias áreas em que é possível percebermos a pertinência do tema em análise.

São sobretudo seis, as áreas aqui tratadas pela A. A primeira delas, o lar ou o agregado familiar (*household*, pp. 24-44) aborda os problemas da organização da casa/lar e da família, do papel do homem e da mulher (visto que aqui também se evidencia a necessidade, pertinente, de frisar que a história do género não é uma disciplina especialmente vocacionada para o estudo das mulheres – como por vezes se assume de forma equívoca – mas